

SURDOS E OUVINTES: UMA INTERAÇÃO COM A DIFERENÇA.

Talline Carvalho dos Santos Batista¹; Jaicélia Raíne Nascimento Travassos²; Antônio Vitor da Silva Roseno³; Chirlene Santos da Cunha Moura⁴

1 Centro Universitário de João Pessoa – UNIPE, email: tallinebatista@hotmail.com; 2 Centro Universitário de João Pessoa – UNIPE email: raine.travassos@gmail.com; 3 Centro Universitário de João Pessoa – UNIPE, email: antoniovitorpb@outlook.com; 4 Centro Universitário de João Pessoa – UNIPE, email: chirlenecunha@hotmail.com

INTRODUÇÃO:

A interação e envolvimento dos alunos surdos com os ouvintes exige um olhar mais específico sobre as práticas desenvolvidas dentro da escola, considerando que a totalidade do ato educativo envolve uma mudança de postura, tanto dos profissionais quanto dos alunos. Considerar as diferenças no âmbito escolar vai além de pura e simplesmente utilizar procedimentos que visam reduzir preconceitos sociais frente a minorias. Essa relação com o outro é de fundamental importância, principalmente quando analisamos o desenvolvimento cognitivo do ser humano. Baseando-se em Vygotsky com a teoria Sociointeracionista, ele afirma que é da interação com o outro por meio de algum instrumento psicológico, sendo nesse caso, a linguagem, que acontece o desenvolvimento enfatizando a relação social. Concordando com essa visão, podemos aplicar essa teoria à comunidade surda, que apesar de não fazerem uso da linguagem oral para se expressar, os surdos utilizam a Língua Brasileira de Sinais, sendo sua língua materna, que dá conta do processo comunicativo em si. A escola, como as demais instituições que fazem parte da rede de relações sociais, tem feito o seu papel de reprodutora das significações mais importantes, contribuindo para a permanência das relações sociais e de poder. Devemos considerar que quando acontece uma interação, independente se é escrita ou oral, isso ocorre em um momento específico, a partir de um determinado espaço e também com alguns interlocutores, enfatizando que o uso da linguagem não ocorre em um vácuo social. De acordo com Dorziat (1999), a relação entre por que fazer, para que fazer, para quem fazer e como fazer precisa ser estabelecida e considerada, pois não existe um fazer pedagógico neutro e que se adapte a qualquer situação escolar. Diante dessa demanda, manifesta-se a preocupação com os subsídios que poderiam ser utilizados como reforço nesse processo, evidenciando uma abordagem sobre a incorporação da escola em seus Projetos Político-Pedagógicos (PPP) com componentes curriculares que contemplem as singularidades humanas,



como é o caso da obrigatoriedade de Libras (Língua Brasileira de Sinais). Iniciativas desse tipo buscam atender as necessidades atuais e a perspectiva de mudanças que complementam esse processo de aprendizagem e interação com medidas flexíveis às problemáticas presentes no âmbito educacional. Essa preocupação surge da constatação de práticas conservadoras em algumas escolas que, ao mesmo tempo em que permitem a permanência dos alunos com deficiência no processo educacional, os excluem de uma participação mais ativa e desenvolvimento adequado, porque se negam a assimilar suas diferentes formas de ser e estar no mundo. Segundo Lopes (1997), mesmo quando tratam de pluralidade cultural, os currículos escolares continuam permeados pela ideia de um aluno único, abstrato, e partem do princípio de que culturas de diferentes grupos sociais são regidas pela mesma lógica, pelos mesmos critérios de verdade e legitimidade e, portanto, em última instância, possuem uma raiz comum e a ela se dirigem. Ao serem burocratizados, as condições de produção e reprodução de conhecimentos e os diferentes olhares sobre eles podem vir a ser desconsiderados ou, quando muito, tolerados, sem uma reflexão mais profunda, sobre os interesses subjacentes ao que é transmitido nas escolas. É imprescindível considerar os conflitos vividos pela necessidade de acomodação ao que é estabelecido pelos padrões sociais e pelas disparidades entre o que se é com o que se gostaria de ser. Esse entendimento mostra que as representações não são estáticas, ou seja, não expressam identidades de forma definitiva, fixa, imutável (HALL, 1997). Neste sentido, esse projeto tem como finalidade proporcionar aos estudantes inseridos no contexto de escola inclusiva uma construção de vínculos, desmistificando as “diferenças”, implicando as relações humanas vivenciadas no dia a dia, com suas incertezas, dificuldades e potencialidades.

METODOLOGIA

A operacionalização deste projeto está ocorrendo na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Antônia Rangel de Farias, situada no Município de João Pessoa/PB, sendo elaborado durante os meses de Setembro a Dezembro do corrente ano. O público escolhido para esta pesquisa foi o de alunos do ensino médio, onde a escola em questão tem uma quantidade de 221 alunos, sendo 04 alunos surdos. A estrutura física abrange 09 salas de aula, sendo 03 salas para o 1º ano, 03 salas para o 2º ano, 02 salas para o 3º ano e 01 sala para o Projeto Alumbrar. A escola possui também alunos com outras deficiências, como autismo, síndrome de down, intelectual e motora. As atividades deste projeto consistem em um levantamento sobre quem são os profissionais envolvidos em salas de aulas regulares e no Atendimento Educacional Especializado – AEE. Serão realizados encontros com os profissionais envolvidos no desenvolvimento de atividades com alunos ouvintes sobre a importância da inclusão dos surdos. Tendo como foco a necessidade de se planejar



momentos formativos adequados à realidade das escolas e às questões da surdez, temos em vista proporcionar atividades de forma colaborativa, discutindo idéias e trocando experiências. Os dados oriundos dessas observações serão trazidos para discussão com toda a equipe responsável pelo projeto. Mediante a isto, faremos uma roda de conversa com os alunos ouvintes e surdos de cada ano, sendo apresentado um pequeno filme com duração de 10 minutos na sala de vídeo que a escola disponibiliza, para que através dele sejam elaboradas algumas perguntas referentes à inclusão e como lidar mediante a algumas situações, colocando eles como sujeitos participantes dessa inclusão e da interação com o outro. Analisaremos o Projeto Político-Pedagógico da escola para registramos as ações que favoreçam essa interação dos alunos ouvintes e surdos no contexto escolar. Diante disso, propõe-se um despertar nos alunos ouvintes para com os alunos surdos possibilitando um ambiente de aceitação com foco no estabelecimento de vínculos.

RESULTADOS

Através do levantamento referente aos profissionais envolvidos em sala de aulas regulares, obtivemos um número 12 de professores e na sala de recurso no AEE são três profissionais, Intérprete de Libras, Instrutora/Professora de Libras e uma professora. Espera-se através das atividades realizadas durante o projeto, proporcionar de forma colaborativa a discussão de ideias e troca de experiências, com enfoque sobre a importância da inclusão dos surdos. Contribuindo assim com a formação geral dos estudantes, de maneira mais efetiva, onde a inclusão de surdos requer uma visão mais alargada, considerando as diferenças nas salas de aula com um olhar mais específico sobre esse público. Visa-se, portanto, aprofundar o estabelecimento de vínculos entre alunos surdos e ouvintes com uma reflexão mais profunda, sobre ao que é transmitido e vivido dentro das escolas. Pois é por meio desses processos interativos que o aprendizado flui com maior facilidade e os ouvintes quanto os surdos conseguem se desenvolver em todos os âmbitos seja ele psicológico, cognitivo, social e o emocional. E que através dessas propostas esses alunos alcancem o esperado desenvolvimento pleno, que só ocorre quando as mesmas interagem de forma natural e positiva com a sociedade.

CONCLUSÕES

Diante disso, esse projeto propõe um despertar nos alunos ouvintes para com os alunos surdos, possibilitando um ambiente de aceitação com foco no estreitamento das relações. É visto também como uma ferramenta complementar de grande importância na nossa vida acadêmica no curso de Fonoaudiologia, aprimorando a compreensão da vivência do profissional na prática em sua

totalidade, não apenas com a atuação específica. Considerando que não é diferente o desenvolvimento do aluno surdo e do aluno ouvinte, pois o aprendizado acontece com mais facilidade devido aos processos de interação. Acreditamos que pode ocorrer uma inclusão com eficiência nas instituições de ensino regular, desde que sejam respeitados os aspectos da cultura e da comunidade surda, sua especificidade, contemplando as necessidades desses alunos surdos para que eles se sintam parte integrante do meio no qual estão inseridos, na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DORZIAT, Ana. **Bilinguismo e surdez: para além de uma visão linguística e metodológica.** In: SKLIAR, Carlos (Org.). Atualidade da educação bilíngue para surdos. Porto Alegre: Mediação, 1999.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LOPES, Alice Casimiro. **Pluralismo cultural: preconizando o consenso ou assumindo o conflito?** Espaço: informativo técnico-científico do INES. Rio de Janeiro, n. 8, 1997.

VYGOTSKY, L S. **A formação social da mente.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 182 p.

VYGOTSKY, L S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes; 1993.